

MANUEL BANDEIRA

Poèmes

Manuel Bandeira est brésilien. Il naquit à Recife en 1866 et mourut à Rio en 1968. Son œuvre est vaste et diversifiée, répartie entre la prose et la poésie. C'est cependant dans ce dernier domaine qu'il se signale comme une figure importante de la littérature moderne brésilienne où sa poésie est considérée comme une œuvre charnière. Son premier livre de poèmes qui date de 1917, *A cinza das horas*, ainsi que les deux recueils qui ont suivi, ont subi l'influence des parnassiens et des symbolistes. Avec son livre *Libertinagem* (1930), il se détache de ces mouvements et s'intègre définitivement au mouvement moderniste. Ses premiers vers libres révèlent l'influence d'Apollinaire et il traduit en portugais Baudelaire, Verlaine, Jean Cocteau, Rafael Alberti, ainsi que Paul Éluard qu'il a connu en 1913 lors d'un séjour dans un sanatorium en Suisse et dont il fut l'ami. En 1922 il n'a pas voulu participer à la célèbre et révolutionnaire «Semaine de l'Art Moderne» à São Paulo, mais il a toujours gardé des relations privilégiées avec le groupe des modernistes brésiliens.

I.M.

VOU-ME EMBORA PRA PASÁRGADA

*Vou-me embora pra Pasárgada
Lá sou amigo do rei
Lá tenho a mulher que eu quero
Na cama que escolherei
Vou-me embora pra Pasárgada*

*Vou-me embora pra Pasárgada
Aqui eu não sou feliz
Lá a existência é uma aventura
De tal modo inconseqüente
Que Joana a Louca de Espanha
Rainha et falsa demente
Vem a ser contraparente
Da nora que nunca tive*

*E como farei ginástica
Andarei de bicicleta
Montarei em burro brabo
Subirei no pau-de-sebo
Tomarei banhos de mar !
Et quando estiver cansado
Deito na beira do rio
Mando chamar a mãe-d'água
Pra me contar as histórias
Que no tempo de eu menino
Rosa vinha me contar
Vou-me embora pra Pasárgada*

*Em Pasárgada tem tudo
É outra civilização
Tem um processo seguro
De impedir a concepção
Tem telefone automático
Tem alcaóide à vontade
Tem prostitutas bonitas
Para a gente namorar*

JE VEUX M'EN ALLER À PASARGADA

Je veux m'en aller à Pasargada
Là-bas je suis l'ami du roi
Là-bas j'aurai la femme que je veux
Dans le lit que je choisirai
Je veux m'en aller à Pasargada

Je veux m'en aller à Pasargada
Ici je ne suis pas heureux
Là-bas l'existence est une aventure
Si inconséquente
Que Jeanne la Folle d'Espagne
Reine et fausse démente
Peut bien être parente par affinité
Avec la belle-fille que je n'ai jamais eu

Et alors je ferai de la gymnastique
Je roulerai à bicyclette
Je monterai sur un âne sauvage
Je grimperai au mât de cocagne
Et j'irai me baigner dans la mer !
Et quand je me sentirai fatigué
Je me coucherai au bord du fleuve
Et je ferai appeler la sirène
Pour me raconter les histoires
Que Rosa inventait pour moi
Lorsque j'étais enfant
Je veux m'en aller à Pasargada

À Pasargada il y a tout
C'est une autre civilisation
Ils connaissent un procédé sûr
Pour empêcher la conception
Ils ont le téléphone automatique
Des alcaloïdes à volonté
Et de jolies prostituées
À qui parler d'amour

*E quando eu estiver mais triste
Mas triste de não ter jeito
Quando de noite me der
Vontade de me matar
— Lá sou amigo do rei —
Terei a mulher que eu quero
Na cama que escolherei
Vou-me embora pra Pasárgada.*

Libertinagem
(1924-1930)

PNEUMOTÓRAX

*Febre, hemoptise, dispnéia et suores noturnos.
A vida inteira que podia ter sido e que não foi.
Tosse, tosse, tosse.*

Mandou chamar o médico :

- Diga trinta e três.*
- Trinta e três... trinta e três... trinta e três...*
- Respire.*

-
- O senhor tem uma escavação no pulmão esquerdo e o pulmão direito*
[infiltrado]
 - Então, doutor, não é possível tentar o pneumotórax ?*
 - Não. A única coisa a fazer é tocar um tango argentino.*

Libertinagem
(1924-1930)

Et lorsque je serai triste
Mais triste à en mourir
Lorsque j'aurai envie
Une nuit de me suicider
— Là-bas je suis l'ami du roi —
J'aurai la femme que je veux
Dans le lit que je choisirai
Je veux m'en aller à Pasargada

Libertinagem
(1924-1930)

PNEUMOTHORAX

Fièvre, hémoptysie, dyspnée et sueurs nocturnes.
Une vie entière qui aurait pu être et qui n'a pas été.
Toux, toux, toux.

Il fit appeler le médecin :

- Dites trente trois.
- Trente trois... Trente trois... Trente trois...
- Respirez.

.....

- Vous avez une caverne dans le poumon gauche et un voile dans le poumon [droit.
- Alors, docteur, il n'est plus possible d'essayer le pneumothorax ?
- Non. La seule chose à faire c'est de jouer un tango argentin.

Libertinagem
(1924-1930)

ESTRÊLA DA MANHÃ

*Eu quero a estrêla da manhã
Onde está a estrêla da manhã ?
Meus amigos meus inimigos
Procurem a estrêla da manhã*

*Ela desapareceu ia nua
Desapareceu com quem ?
Procurem por tôda parte*

*Digam que sou um homem sem orgulho
Um homem que aceita tudo
Que me importa ?
Eu quero a estrêla de manhã*

*Três dias et três noites
Fui assassino e suicida
Ladrão, pulha, falsário*

*Virgem mal-sexuada
Atribuladora dos aflitos
Girafa de duas cabeças
Pecai por todos pecai com todos*

*Pecai com os malandros
Pecai com os sargentos
Pecai com os fuzileiros navais
Pecai de tôdas as maneiras*

*Com os gregos e com os troianos
Com o padre et com o sacristão
Com o leproso de Pouso Alto*

Depois comigo

*Te esperarei com mafuás novenas cavalhadas comerei terra et direi coisas de
[uma ternura tao simples
Que tu desfaleceras*

*Procurem por tôda parte
Pura ou degradada até a última baixeza
Eu quero a estrêla da manhã.*

Estrela da manhã
1936

ÉTOILE DU MATIN

Je veux l'étoile du matin
Où est l'étoile du matin ?
Mes amis mes ennemis
Cherchez l'étoile du matin

Elle a disparu toute nue
Disparu avec qui ?
Cherchez bien partout

Vous pouvez dire que je suis un homme sans orgueil
Un homme qui accepte tout
Que m'importe ?

Trois jours et trois nuits
J'ai été assassin et suicidé
Voleur, fripouille, faussaire

Vierge mal sexuée
Persécuteur des affligés
Girafe à deux têtes
Péchez pour tous péchez avec tous

Péchez avec les voyous
Péchez avec les sergents
Péchez avec les fusiliers marins
Péchez de toutes les manières possibles

Avec les Grecs et les Troyens
Avec le prêtre et le sacristain
Avec le lépreux de Pouso Alto

Ensuite avec moi

Je t'attendrai avec des jeux forains, des neuvaines, des cavalcades, je mangerai
[de la terre et je te dirai des choses d'une tendresse si simple
Que tu défailleras

Cherchez-le partout
Pure ou tombée dans la pire déchéance
Je veux l'étoile du matin.

Estrela da manhã
1936

RONDÓ DAS TRÊS MULHERES DO SABONETE ARAXÁ

Teresópolis, 1931

As três mulheres do sabonete Araxá me invocam, me bouleversam, me
[hipnotizam.

Oh, as três mulheres do sabonete Araxá às 4 horas da tarde !

O meu reino pelas três mulheres do sabonete Araxá !

Que outros, não eu, a pedra cortem

Para brutais vos adorarem,

Ó brancaranas azêdas,

Mulatas côr da lua vem saindo côr de prata

Ou celestes africanas :

Que eu vivo, padeço e morro só pelas três mulheres do sabonete Araxá !

São amigas, são irmãs, são amantes as três mulheres do sabonete Araxá ?

São prostitutas, são declamadoras, são acrobatas ?

São as três Marias ?

Meu Deus, serão as três Marias ?

A mais nua é doirada borboleta.

Se a segunda casasse, eu ficava safado da vida, dava pra beber e nunca mais

[telefonava

Mas se a terceira morresse... Oh, então, nunca mais a minha vida outrora teria

[sido um festim !

Se me pergutassem : Queres ser estrêla ? queres ser rei ? queres um ilha no

[Pacífico ? um bangalô em Copacabana ?

Eu responderia : Não quero nada disso, tetrarca. Eu só quero as três mulheres

[do sabonete Araxá :

O meu reino pelas três mulheres do sabonete Araxá !

Estrela da manhã

(1936)

VERSOS DE NATAL (1939)

*Espelho, amigo verdadeiro,
Tu refletes as minhas rugas,
Os meus cabelos brancos,
Os meus olhos miopes e cansados.
Espelho, amigo verdadeiro,
Mestre do realismo exato et minucioso,
Obrigado, obrigado !*

*Mas se fosses mágico,
Penetrarias até ao fundo desse homem triste,
Descobririas o menino que sustenta esse homem,
O menino que não quer morrer,
Que não morrerá senão comigo,
O menino que todos os anos na véspera do Natal
Pensa ainda em pôr os seus chinelinhos atrás da porta.*

Lira dos cinqüent'anos
(1940)

VISITA NOTURNA

Rio, Dezembro, 1947

*Bateram, à minha porta,
Fui abrir, não vi ninguém.
Seria a alma da morta ?*

*Não vi ninguém, mas alguém
Entrou no quarto deserto
E o quarto logo mudou.
Deitei-me na cama, e perto
Da cama alguém se sentou.*

*Seria a sombra da morta ?
Que morta ? A inocência ? A infância ?
O que concebido, abortou,
Ou o que foi e hoje é só distância ?*

*Pois bendita a que voltou !
Três vêzes bendita a morta,
Quem quer que ela seja, a morta
Que bateu à minha porta.*

Belo-Belo
(1948)

POÈME DE NOËL (1939)

Miroir, ami véritable,
Tu réfléchis mes rides,
Mes cheveux blancs,
Mes yeux myopes et fatigués.
Miroir, ami véritable,
Maître du réalisme exact et minutieux,
Merci, merci !

Si tu étais un miroir magique
Tu pénétrerais jusqu'au fond de cet homme triste
Et tu découvrirais l'enfant qui soutient l'homme,
L'enfant qui ne veut pas mourir,
Qui ne mourra qu'avec moi,
L'enfant qui tous les ans la veille de Noël
Souhaite encore mettre ses chaussons derrière la porte.

Lira dos cinqüent'anos
(1940)

VISITE NOCTURNE

Rio, Décembre, 1947

On frappa à ma porte,
Je suis allé ouvrir et je n'ai vu personne.
Était-ce l'âme de la morte ?

Je n'ai vu personne, mais quelqu'un
Est entré dans la chambre vide
Et la chambre a changé.
Je me suis couché et près
De mon lit quelqu'un s'est assis.

Était-ce l'ombre de la morte ?
Quelle morte ? L'innocence ? L'enfance ?
Ce qui a été conçu et avorta
Ou ce qui a existé et n'est aujourd'hui qu'éloignement ?

Bénie soit celle qui est revenue !
Trois fois bénie soit la morte
Quelle qu'elle puisse être, la morte
Qui frappa à ma porte.

Belo Belo
(1948)

SAUDADES DO RIO ANTIGO

*Vou-me embora pra Pasárgada.
Lá o rei não será deposto
E lá sou amigo do rei.
Aqui eu não sou feliz
A vida está cada vez
Mais cara, et a menor besteira
Nos custa os olhos da cara.
O trânsito é uma miséria :
Sair a pé pelas ruas
Desta capital cidade
É quase temeridade
E eu não tenho cadilac
Para em vez de atropelado,
Atropelar sem piedade
Meus pedestres semelhantes.
Oh ! que saudade que eu tenho
Do Rio como era dantes !
O Rio qui tinha apenas
Quinhentos mil habitantes.
O Rio que conheci
Quando vim pra cá menino :
Meu velho Rio gostoso,
Cujos dias revivi
Lendo deliciadamente
O livro de Coaraci.
Cidade onde, rico ou pobre
Dava gosto se viver.*

*Hoje ninguém está contente.
Hoje, meu Deus, todo mundo
Trás na boca a cinza amarga
Da frustração... Minha gente.
Vou-me embora pra Pasárgada.*

Mafua do Malungo
(non datê)

NOSTALGIE D'UN FLEUVE ANCIEN

Je veux m'en aller à Pasargada
Là-bas le roi ne sera pas détrôné
Et moi je suis l'ami du roi.
Ici je ne suis pas heureux
La vie est de plus en plus
Chère, la moindre babiole
Coûte les yeux de la tête.
Le transit est un chaos :
Sortir à pied dans les rues
De cette capitale
Est presque de la témérité.
Et moi je ne possède pas une Cadillac
Pour renverser sans pitié mes concitoyens piétons,
Au contraire, c'est moi qui me fais renverser.
Ah ! Comme il me manque, mon
Rio, celui d'autrefois !
Rio, qui avait à peine
Cinq cent mille habitants.
La ville que j'ai connue
Lorsque je suis arrivé ici, encore enfant :
Mon vieux Rio enchanteur
Dont j'ai revécu les jours
En lisant avec délice
Le livre de Coaraci.
Une ville où, qu'on soit riche ou pauvre,
Il faisait bon vivre.

Aujourd'hui personne n'est content.
Aujourd'hui, mon Dieu, tout le monde
A dans la bouche le goût amer
De la frustration... Bonnes gens,
Je veux m'en aller à Pasargada.

Mafua do Malungo
(non daté)

Traduit par
Isabel Meyrelles